

# EXPANSIONISMO MERIDIONAL LUSO-BRASILEIRO

(Continuação)

Cel Cav MOACYR RIBEIRO COELHO  
Oficial de Estado-Maior

## 2ª PARTE — CONQUISTA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

### III — O CICLO DE CAÇA AO ÍNDIO

#### A — ESCRAVIZAÇÃO DO INDÍGENA COMO IMPERATIVO ECONÔMICO

O ciclo da caça ao índio, que dá origem à eclosão do bandeirismo, surge com as exigências econômicas que logo se deparam aos povoadores de São Vicente, burgo agrícola pequeno e pobre.

Precisavam de braços para suas incipientes lavouras, de escravos para organizar os seus contingentes de homens d'arco afeitos à guerra e às condições climáticas da terra.

O vicentista, o piratiningano, cujas bandeiras assolam as populações pacíficas de índios selvagens ou os aglomerados humanos que os jesuítas reduzem nos povos ou missões, em terras do sul, nada mais fazem do que continuar com melhor aparelhamento, a usança primitiva das hordas selvageiras em suas guerras de escravização das tribos indígenas.

Em meados do século XVI era já veterano, no sul, o comércio de silvícolas capturados ou resgatados pelos vicentistas nas aldeias em que passavam. Mas as bandeiras propriamente ditas, organizações regulares dirigidas por chefes de grande notoriedade e auxiliados por índios aliados e, mais tarde, por mamelucos, têm suas origens na segunda metade do século XVI.

Quase todas são orientadas para o Sul. Abriu o ciclo, em 1561, a célebre bandeira de Anhembí que levou a guerra aos carijós, aliás, os mais visados.

No ano seguinte, sob a direção de João Ramalho, outra se apresta contra os índios do Paraíba.

As guerras contra os carijós prosseguem, em 1585, com a bandeira de Jerônimo Leitão capitão-mor de São Vicente. Em 1594 marchou Jorge Corrêa a guerrear esses índios. De 1600 em diante já as bandeiras se organizam com o propósito ostensivo de carreamos índios do sertão. São os "descimentos". No rumo do sul, seguem à prêa dos carijós Nicolau Barreto em 1602, Belchior Dias em 1607 e Fernão Pais de Barros em 1611.

A escassez do estoque índios mais próximos, foram obrigando as bandeiras a alargar progressivamente o seu raio de ação vindo a chocar-se

com a iniciativa jesuítica que, num movimento antagônico, internava pela selva dezenas de reduções catequizadoras.

Os ataques às missões, que partiam de Piratininga e São Vicente, não tinham o caráter de uma guerra de conquista e muito menos de religião. Eram simples aventuras comerciais pelas quais, os senhores de engenhos, necessitados de mão-de-obra e que não podiam adquirir escravos negros, contentavam-se com a mão-de-obra índia, mais barata.

Para o bandeirante, embora mais arriscado, era mais lucrativo atacar uma redução do que apresar, em plena selva, índios aguerridos e que viviam largamente dispersos.

O primeiro embate entre as duas vigorosas forças expansivas, rivais pela raça e antagônicas nos propósitos de que vinham animadas, ocorreu em Guaira em 1619 onde os jesuítas contavam, desde 1610, com florescentes aldeamentos (ver "Bandeiras em Guaira").

O segundo choque ocorreu no território do atual Rio Grande do Sul, sendo os jesuítas expulsos para a margem ocidental do Rio Uruguai (ver "Bandeiras no Rio Grande do Sul").

Um terceiro e violento episódio ocorreu ao sul de Mato Grosso, onde as reduções Itatins foram sendo espaçadamente atingidas pelas bandeiras desde o ano de 1622, para terminarem às mãos do fabuloso Raposo Tavares que desfechou em 1649 o assalto definitivo (ver "Bandeiras nas Reduções Itatins").

E até hoje difícil chegar-se a uma apreciação serena e desapaixionada sobre a ação da Companhia de Jesus na América, mormente no que respeita às suas atividades no Prata e no Brasil meridional.

De qualquer forma, -porém, embora do ponto de vista humano a obra destruidora do bandeirante tenha sido um vandalismo, um verdadeiro crime contra a civilização e a espécie, não podemos esquecer que, do ponto de vista histórico e brasileiro, ela constitui uma verdadeira epopéia de força e de heroísmo, autêntica façanha de gigantes que engrandeceu territorialmente o Brasil e constitui para os brasileiros motivo do mais justo orgulho.

## B — AS ROTAS DAS BANDEIRAS

Desde os meados do século XVI que os habitantes da costa e, seguramente, João Ramalho e seus companheiros de Santo André da Borda do Campo conheciam e trilhavam as picadas indígenas que, galgando a Serra do Mar, levavam de São Vicente e de Cananéia aos povoados espanhóis, do Paraguai e daí ao Peru, através do alto Chaco.

O Peabiru, como o chamavam os aborígenes, alcançava Guaira atravessando os Rios Tibagi, Ivaí e Piquiri, por onde os povos indígenas do interior comunicavam-se com o mar e com as regiões mais distantes do ocidente. A oeste do Paraná o caminho prosseguia, atingindo o Peru e a costa do Pacífico.

Os bandeirantes utilizavam-se do Peabiru em tôdas as direções, servindo-se tanto da linha tronco como dos seus ramais. Se marchavam

pela linha tronco, o itinerário era São Vicente, Piratininga (São Paulo). Sorocaba, Botucatu, Tibagi, Ivaí e Piquiri; se seguiam pelo Tietê, atravessavam o Paranapanema próximo à foz do Pirapó, subiam pela margem dêste em direção ao Ivaí, que atravessavam pouco acima do seu afluente então denominado Rio Guia, margeando à esquerda do rio principal, até ao atual Campo do Mourão.

O Peabiru punha, assim, em contato os paulistas com duas grandes regiões que desde logo atraem a atenção dos colonizadores: com Guaira, situada a leste do Rio Paraná; e com a faixa costeira que se prolonga de Cananéia ao Mampituba, "habitat" de numerosas tribos carijós e tupinaens.

A iniciativa de dominação das tribos guairenses, localizadas em território de direito castelhano, coube aos governantes do Paraguai, logo coadjuvados pelos jesuítas. A solicitação ao concurso dos inacinos partiu de Hernando Arias de Saavedra após os revezes que sofreu ao tentar submeter os índios guairenses chefiados por Guairacá.

Sugerida a Felipe III, foi a submissão dessas tribos confiada aos padres de Loyola, por Carta Régia de 1608.

No que respeita aos Carijós, a iniciativa esteve sempre com os luso-brasileiros e manifestou-se, invariavelmente, sob a forma de agressões levadas a efeito pelos bandeirantes para fazer escravos.

A primeira bandeira assinalada no sertão dos Carijós é de 1585 e, sob o comando de Jerônimo Leitão — Capitão-mor de São Vicente — "durante seis anos assolou as aldeias de Anhembí"; em 1594 Jorge Correia, também Capitão-mor de São Vicente, dirige nova investida contra os Carijós e Tupinaens do sul de São Paulo e, no ano seguinte, Manoel Loeiro ataca os Carijós do litoral paranaguense.

### 1. Bandeiras em Guaira

O sertão de Guaira, a partir de 1607, passa a figurar na rota das Bandeiras. Nesse ano, Manoel Preto chega às proximidades de Vila Rica do Espírito Santo (via Ivaí), de onde traz numeroso gentio para a sua fazenda de Nossa Senhora da Expectação.

Em 1609 é Nicolau Barreto que, através do Piquiri, alcança o Paraná e atinge o Pilcomayo, em busca do ouro peruano.

Em 1611 Pero Vaz de Barros investe sobre Guaira e é batido por Dom Antônio Añasco, governador do Paraguai.

Seguem-se nesses sertões: Sebastião Preto, em 1612; Lázaro da Costa, em 1615; novamente Manoel Preto, em 1618; Henrique da Cunha Gago, em 1623.

A 1 de outubro de 1628 Antônio Raposo Tavares e Manoel Preto partem de São Paulo à frente de uma formidável bandeira que se estima constituída por 2.000 índios auxiliares e 900 mamelucos dirigidos por 69 paulistas de nomeada.

A expedição desceu para a costa, tornou ao planalto subindo a Ribeira do Iguape e, ao iniciar-se o ano de 1629, alcança Guaira, vinda de sudeste.

Aos brados de que iam expulsar os espanhóis daquela região que pertencia a Portugal, os bandeirantes assenhorearam-se das reduções de São Miguel, Santo Antônio, Jesus Maria, Encarnação, São Xavier e São José, enquanto que os jesuítas, que tinham reunido em Santo Inácio e Loreto os índios que haviam conseguido escapar à tremenda avalanche, resolveram abandonar Guaira e refugiar-se em Região mais abrigada, indo acocim-se na mesopotâmia compreendida entre o Paraná e o Uruguai onde, desde 1626, já possuíam outras reduções.

Não se sabe se a mesma expedição ou se outra, em 1632, destruiu as aglomerações do Ivaí e do Piquiri com os burgos castelhanos de Vila Rica e de Ciudad Real, cujos habitantes escaparam, graças à interferência do bispo de Assunção. O que se tem como certo é que nessa ocasião Guaira foi totalmente varrida pelos paulistas e seu território inteiramente conquistado, não para um Brasil então inexistente mas para a capitania vicentista.

Em 1632 os paulistas transpuseram o alto Paraná e tomaram Santiago de Xerez, povoação espanhola localizada próximo às nascentes do Aquidauana; em prosseguimento, destruíram as reduções que os jesuítas vinham de formar com índios itatins: São José, Angeles, São Pedro e São Paulo, todas situadas a oeste do Rio Pardo em território do atual Mato Grosso.

Sucessivamente foram ainda destruídos pelos indomáveis bandeirantes as reduções de Conceição dos Gualaxos, Santo Inácio e Loreto em consequência do que os inacianos evacuaram em 1633 as aldeias de Santa Maria Maior e Natividade de Acaraig.

A grande maioria dos povos indígenas reduzidos à direção dos jesuítas eram guaranis, nos seus diversos matizes, porém índios de outras nações foram também aldeados.

A redução de São José era constituída de índios camperos; a de Los Angeles, de cainguangues e cabeludos; a de São Pedro, depois de mudada para São Tomé, de guaianazes (por alguns considerados tapuias); a de Concepción, de gualachos e guanazes, ambos guaianazes. Em outras, eram mais ou menos numerosos os carijós, pés largos, terminós e tupis.

Os índios aldeados pelos jesuítas subiam a mais de 100.000 por ocasião do ataque de 1629.

Foram mortos na peleja 15.000 e 60.000 foram escravizados e vendidos em São Paulo e em capitânicas do Norte.

Foi tal a oferta de escravos índios que o preço que era de 100\$000 nesses mercados, baixou a 20\$000 por "peça", que era então como se qualificava o selvagem submetido à escravidão.

## 2. Bandeiras nas reduções itatins

Estes povos vinham sendo alcançados pelas bandeiras paulistas desde 1622, ano em que ali morreu Antônio Castanho da Silva.

Novos assaltos ocorreram em 1632 e 1644 sendo que neste ano Jerônimo Bueno, irmão de Francisco Bueno, foi batido e pereceu com toda a sua bandeira.

Mas a verdadeira derrocada destes povos teve início a 8 de setembro de 1647 quando nova bandeira atacou a redução de Nossa Senhora da Fé de Taré, forçando-a a retirar-se para o Apa, e foi reorganizar-se em Mboyboy onde, no ano seguinte, foi novamente atacada, ainda em fase de organização, pela bandeira de Antônio Pereira de Azevedo. (1 de novembro de 1648).

A bandeira de Antônio Pereira era parte da expedição que Raposo Tavares conduzia ao Peru. A tropa comandada por Antônio Pereira totalizava 200 brancos e mamelucos e mais de 1.000 índios.

Consumada a destruição do Itatim, Raposo Tavares, logo seguido de Antônio Pereira, atravessou o Paraguai rumo ao Peru seguindo a rota de Aleixo Garcia.

André Fernandes atacou Maracaju e Terecañi e, depois, Bolanges, Xerez e outras reduções. Esses assaltos produziram êxodo igual aos de Guaira e Tapé, retirando-se os indígenas para os núcleos mais fortes das povoações espanholas limítrofes.

Com a expulsão dos itatins desse território teve fim a expansão castelhana sobre o médio Paraguai e ficou assegurado para Portugal o domínio do sul de Mato Grosso e, quiçá, do Amazonas.

### 3. Bandeiras no Rio Grande do Sul

Talvez tenha sido a de Belchior Dias Carneiro, em 1607, a primeira bandeira paulista que penetrou em território rio-grandense.

A esta expedição seguiram-se outras entre as quais a de Martins Rodrigues Tenório de Aguiar, em 1608.

A partir de 1635, já esgotados os mananciais de Guaira, começam os paulistas a alargar o raio de suas excursões e, em princípio desse ano, parte o bandeirante Fernão de Camargo, o Tigre, com o intuito de escravizar os índios Patos.

Esta bandeira que, segundo parece, veio embarcada até Laguna ou talvez até a Lagoa dos Patos, pode ser considerada como a primeira invasão bandeirante no Rio Grande do Sul.

A esse tempo eram duas as linhas de acesso dos bandeirantes às terras dos Tapes: a primeira passava pela Laguna, transpunha o Pelotas em suas nascentes, despontava o Rio das Antas cujo vale descia pela margem ocidental até o baixo Taquari de onde alcançava as reduções dos Tapes no vale oriental do Jacuí; a outra linha de acesso era pela via marítima através a barra do Rio Grande, Lagoa dos Patos, Guaiá até o povoado de Guaibi-renda (atual Porto Alegre) ou, em prosseguimento, pelo Jacuí acima.

Decorreu o ano de 1635 sem que entrasse em território rio-grandense nenhuma bandeira paulista, não obstante as contínuas notícias de que os mamelucos se preparavam para assaltar as reduções jesuíticas.

Mas a 2 de dezembro de 1636 uma tropa de 140 bandeirantes e 1.500 tupis sob o comando de Antônio Raposo Tavares, assalta a redução de Jesus-Maria, a mais próxima do mar. Essa bandeira, que havia

partido de São Paulo em janeiro de 1636 parece ter vindo pelo caminho de Guaíra, atravessando o Taquari perto de sua foz e alcançara a redução de Jesus-Maria, situada à margem do Jacuí.

No ano de 1637 nova "razzia", desta vez chefiada por Francisco Bueno (ou por André Fernandes, para certos autores), cai sobre a redução de Santa Tereza de los Piñales que reunia, então, mais de 4.000 almas. Compunha-se a bandeira de 260 mamelucos além de numeroso contingente de aborígenes. Em grande número os índios foram aprisionados, tendo os demais fugido para outras reduções e, mesmo, para o Rio Paraná.

Em 1638 é a bandeira de Fernão Dias que vareja o sertão do Rio Grande.

Caindo sobre as aldeias de Caamo e Caágua, no mês de janeiro, reparte-se a bandeira a partir daí em duas colunas para atacar simultaneamente as reduções do Tape e do Uruguai. Uma dessas colunas assaltou São Carlos do Caapá e Apóstolos de Caaçapaguaçu destruindo-as, bem como as de Candelária e Caró. A outra coluna conquista as reduções do ibicuí e as restantes da Província do Tape: São Cosme e São Damião, São José, Santo Tomé, São Miguel e Natividade.

Em 1639 conseguiram os índios e jesuítas, dirigidos pelo guerreiro Nhienguiru e pelo padre Alfaro, esmagar uma bandeira paulista, em um combate, no qual foi morto o padre Alfaro, perdendo também a vida grande quantidade de paulistas, caindo outros prisioneiros. Estes foram entregues pelos padres, ao já célebre Dom Pedro de Lugo e Navarro, governador do Paraguai, então em visita às missões da margem direita do Uruguai.

Deu-se êsse combate nas proximidades da Caaçapaguaçu, em comêço de 1639, sendo que a bandeira avançava pela margem direita do Uruguai, segundo diz Teschauer.

Até o ano de 1641, haviam já os paulistas conseguido expulsar os jesuítas de todo "Tape", bem como se assenhorear da totalidade das reduções do Uruguai.

A grande região que hoje constitui o Estado do Rio Grande do Sul estava já por completo conquistada, quando os paulistas em 1641, cada vez mais estimulados pelas constantes vitórias tentaram capturar os índios fugidos para o território mesopotâmio e que se haviam localizado à margem direita do Uruguai, hoje província argentina de Corrientes.

Nesse ano, vinda pela margem direita do Uruguai, surgiu diante das recém-edificadas aglomerações jesuíticas a última bandeira que percorreu o Rio Grande e foi, provavelmente, chefiada por Jerônimo Pedros de Barros, sendo os paulistas surpreendidos por uma fôrça de 4.000 índios escolhidos, à testa dos quais estava o morubixaba Abiaru e que dispunham de cerca de 300 arcabuzes e mesmo artilharia de bambu.

O combate que se travou próximo ao riacho Nbororé, durou três dias, terminando com a retirada dos bandeirantes.

Esse fato assinala, sem dúvida, uma encruzilhada histórica porque a descoberta, logo a seguir, das minas de Sabarabussu trouxe novos rumos às nossas bandeiras, desviando-as dos caminhos do Sul.

#### IV — O POVOAMENTO DO EXTREMO SUL

Diz o historiador João Ribeiro que em 1675, Laguna era o último estabelecimento português no rumo do sul e Buenos Aires o mais austral dos empreendimentos espanhóis. Entre ambos estendia-se um vasto trecho litorâneo, espécie de terra de ninguém, totalmente desabitado. Esta costa, desprovida de baías e ancoradouros, não favorecia o povoamento, retardando a colonização litorânea que estacionava ao norte.

A partir de 1676, porém, reacendeu-se o velho sonho luso de colocar no estuário as divisas do Brasil, cabendo a iniciativa do empreendimento ao Príncipe Dom Pedro, que estimulado talvez pela criação do Bispado do Rio de Janeiro, cujos limites alcançavam a margem esquerda do Prata, não hesitou em determinar se fundasse no Prata uma colônia portuguesa.

#### A — FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DO SACRAMENTO

Dom Manuel Lôbo, Governador da Repartição do Sul, dando cumprimento às ordens recebidas, desembarcou na margem esquerda do estuário, em um ponto fronteiro à Ilha de São Gabriel, e lançou as bases de um Forte que denominou Nova Colônia do Santíssimo Sacramento (1 de janeiro de 1680) o qual, estruturado sob a forma de uma praça regular de quatro baluartes, era circundado por um fôssco profundo e tinha acomodações para uma guarnição de 700 homens.

Iniciadas sem tardança as obras de fortificação, os rudimentares bastiões da cidadela foram artilhados com 22 peças de diferentes calibres, recebendo desde logo a praça forte uma guarnição de 360 soldados e cerca de 30 famílias.

Mas a reativação da política expansionista portuguesa para o sul, trazia em si, como não poderia deixar de ser, o germe de contendas e dissídios que iniciados nesse mesmo ano se desenvolveriam por quase dois séculos.

Nesta longa série de lutas, duas etapas distintas devem ser consideradas: a primeira em que, tanto as ações militares como as demarches diplomáticas, giram em tórno da posse da cidadela, corresponde ao período de quase isolamento geográfico em que o acesso à Colônia se fazia apenas pela via marítima e fluvial e vai de 1680 até o assédio de 1735-37.

Durante êste longo período o isolamento em que se encontrava a praça forte lusitana, fê-la sucumbir a cada investimento militar tentado pelos castelhanos.

A paz de Utrecht e consequentes acórdos entre a Espanha e Portugal, segue-se um período de grande prosperidade para a Colônia, durante o qual tem início a humanização da faixa costeira que, da Laguna, demanda a Colônia.

O assédio de 1735 reflete o ciúme de Buenos Aires face à vigorosa expansão luso-brasileira que procura firmar-se no estuário platino, para onde a atraíam as possibilidades econômicas em ascensão e o volume de um tráfico que não cessava de crescer.

O Tratado de Madri (1750) vem reforçar a posição de Portugal no Continente de São Pedro, ao mesmo tempo que desperta na Espanha violento despeito.

Quando se abre a segunda etapa das lutas pela Colônia, após a Guerra Guaranítica, o "pampa" já está bastante povoado e a Colônia deixou de constituir um baluarte isolado.

Cevallos, o grande general espanhol, compreendendo isso perfeitamente lança-se, não apenas ao assalto do bastião luso, mas à conquista de todo o Continente de São Pedro. (Campanha de 1672-1777).

Isolada face ao inimigo, a Colônia não poderia subsistir e sucumbe, finalmente, a 6 de julho de 1777. Mas, das duas pontas de lança corajosamente lançadas — Colônia e Laguna — parte a conquista do Continente de São Pedro que os tropeiros paulistas já vinham percorrendo desde os fins do II século.

A fundação da Colônia assinala, pois, para o Rio Grande do Sul que durante 52 anos pertencera à capitania doada aos Corrêa de Sá, a fase preparatória do povoamento, mercê do conhecimento mais exato da região e das vantagens decorrentes de sua situação privilegiada. A imensa vastidão de seus campos, nos quais o gado se reproduzia em condições ótimas, despertaram no govêrno da metrópole o desejo de consolidar o domínio que pretendia exercer até o Rio da Prata.

## B — SOROCABA, LAGUNA E A IRRADIAÇÃO PARA O SUL

Fundada a Colônia, na realidade um entreposto de comércio e contrabando, começam as incursões de aventureiros, que, de Laguna, passaram a demandar o Prata.

Polarizada por êstes dois núcleos demográficos, malgrado a imensa distância que os separava um do outro, a atração se faz sentir e surgem os caminhos.

O primeiro, aberto por Domingos Filgueira é de 1703, e liga o Rio de Janeiro à Colônia passando por Laguna.

O objetivo era a prêa ao gado cuja procura crescente, dado o incremento da mineração nos chapadões centrais, intensifica as correrias dos paulistas rumo ao Prata.

Só um traficante — Cristóvão Pereira — sobe para São Paulo em 1732 conduzindo uma tropa de 3.000 cavalgadas, com destino a Sorocaba, o grandê centro distribuidor.

E o comércio é tão importante que Cristóvão Pereira — o mais notável desses fabulosos tropeiros — goza de proteção oficial proporcionada pelo Conde de Serzedas.

Mas, seja pelas dificuldades da travessia ou por outra qualquer causa, só em 1715 fizeram os lagunistas, por ordem do Governador de São Paulo e Francisco de Britto Peixoto, Capitão-mor de Laguna, a penetração no litoral rio-grandense, indo até às paragens do Maldonado, Montevidéu e Colônia do Sacramento, então abandonadas.

Dessa empreitada trouxeram gado bovino e cavalos e, embora nenhuma povoação tivesse sido iniciada, ficou o conhecimento mais minucioso da zona e das vantagens que ofereciam os campos que atravessaram.

Iniciada a partir de Laguna, a penetração abrangeu de começo a magra faixa costeira entre as lagoas e o oceano. Mas, a atração dos campos férteis, foi dilatando a nossa área de conquista no sentido do oeste e do sudoeste e as incursões de prêa ao gado passaram a ser praticadas, também, na zona mais fértil situada a ocidente da Lagoa Mirim. Por aí os tropeiros alongaram suas incursões até as vizinhanças de Maldonado, através o vale do Cebelati.

Pouco a pouco, o constante incremento da movimentação dos rebanhos, impõe o segundo caminho pela serra que, aproveitando as chapadas onde se intercalam as matas e as clareiras campinosas, oferecem melhores recursos para as boiadas em viagem. Dessa forma, a partir de 1720, os caminhos que irradiam de Sorocaba, peneiram no Rio Grande não só pelo litoral, mas também por três pontos do planalto: Passo Fundo, Vacaria e Nonoai.

Dá por diante são comuns os “arranchamentos” dos tropeiros sorocabanos e lagunenses, numa ampla faixa que vai do Rio Pelotas nos Campos do Viamão. E foram eles que, estabelecidos em “pousos” — estâncias — aí se demoraram na faina de reunir o gado “caçado” ou aquê que negociavam com os charruas e minuanos.

O povoamento inicial do extremo sul foi, portanto, uma decorrência natural das atividades dos tropeiros sorocabanos e lagunenses que, em seu desdobramento sobre o “pampa”, vão se fixando à terra e evoluindo de simples tropeiros para invernadores e, finalmente, criadores.

#### C — OCUPAÇÃO DA MARGEM NORTE DO CANAL

A importância crescente do comércio de gado, a par da auspiciosa conquista do continente que já se esboçava, vieram demonstrar a necessidade de se implantar um ponto intermediário de ligação entre Laguna e a Colônia cuja maior vantagem seria a de estender, para o Sul, a confirmação da posse portuguesa sempre ameaçada pelo pernicioso Tratado de Tordesilhas.

Com este propósito Rodrigo César determinou ao Capitão-mor de Laguna, Francisco de Britto Peixoto, que reconhecesse o Rio Grande

de São Pedro (Canal) e ali estabelecesse um pôsto capaz de evitar a penetração de espanhóis e de índios.

Surge, assim, fundado por João de Magalhães, à margem norte do Canal, o primeiro núcleo estável criado pelos lusos em terras do Rio Grande (novembro de 1725). (Localização aproximada da atual São José do Norte).

Mercê da segurança proporcionada pelo pôsto de João de Magalhães, rapidamente se estenderam as estâncias pelos campos até ao Rio Grande (Canal), e mesmo o ultrapassaram em fins de 1735.

Já se esboçava, pois, por iniciativa privada, a colonização do extremo sul quando Portugal, tardiamente, tentou firmar a posse de todo o litoral até a Colônia do Sacramento lançando, para êsse fim, a mal organizada e pior dirigida expedição a Montevidéu (1724).

Esta iniciativa redundou em mais do que fracasso, pois estimulou os brios dos governantes espanhóis no Prata, e trouxe a fundação nesse ponto, por Espanha, de forte centro que com a guarda de São João bloqueava a atalaia portuguesa.

#### D — FUNDAÇÃO DO PRESIDIO DO RIO GRANDE

No decorrer do assédio à Colônia do Sacramento iniciado em 1735, ficou resolvido pelo govêrno de Portugal não só o livramento da Colônia, como também a tomada de Montevidéu e a fundação de um pôsto militar no Rio Grande de São Pedro.

Grande expedição foi aprestada no Rio de Janeiro, que fêz levantar o bloqueio marítimo da Colônia do Sacramento e, depois de fracassar em suas idéias de ataque a Montevidéu, veio fundar na margem Sul do Rio Grande, em 19 de fevereiro de 1737, o Presídio Jesus-Maria-José, origem da atual cidade do Rio Grande.

José da Silva Paes, comandante das fôrças de terra, que seguiam para o Prata com a tríplice missão, ao chegar à Ilha de Santa Catarina a 3 de julho de 1736, incumbiu o Coronel Cristóvão Pereira de Abreu de precedê-lo na região do Canal e tomar medidas preparatórias.

Cristóvão Pereira de Abreu, grande conhecedor da zona que trilhava havia mais de 15 anos, conduzindo tropas de gado dos campos de Montevidéu, Maldonado e Colônia do Sacramento para Laguna e São Paulo, organizou uma fôrça de 160 homens, atravessou o Canal e foi postar-se na margem sul do Rio Grande (Canal) na península fronteira à posição escolhida para a travessia.

Escolhido o local nêle mandou levantar um fortim quadrangular, montando nos ângulos quatro peças de pequeno calibre e ampliou a defesa da posição estendendo-a até ao arroio distante duas léguas, onde montou uma guarda de um tenente e 12 praças.

Mais ao sul, nas margens do arroio São Miguel, instalou outra guarda composta de 60 homens e um capitão.

A escolha dêsses pontos, todos mais tarde confirmados por Silva Paes, indicam bem o quanto Cristóvão Pereira de Abreu era conhecedor da região.

Fracassada a expedição a Montevideú, veio Silva Paes para o Rio Grande de São Pedro para tentar a última parte de sua missão.

Partindo de Maldonado por volta de 10 de fevereiro com seis embarcações chegou à barra do Rio Grande a 15 e desembarcou a 19 na margem direita do Canal; examinou tôdas as posições tomadas por Cristóvão Pereira de Abreu, assentou as medidas de segurança e levantou a fortaleza sob a invocação de Jesus-Maria-José, construída de forma regular com quartéis para sua guarnição. No local fêz erguer um templo que dedicou a Sant'Anna.

Estava, pois, iniciado o segundo núcleo de povoação no Rio Grande, onde Silva Paes permaneceu até 11 de dezembro, quando passou a direção ao Mestre-de-Campo André Ribeiro Coutinho e recolheu-se ao Rio de Janeiro.

A partir de 1742, recebeu a comandância militar do Rio Grande de São Pedro as primeiras levas de colonos açorianos que, localizando-se ao solo lhe deram o início de seu desenvolvimento agrícola e mais tarde, por seus descendentes, poderosos braços para a defesa do território.

Com o Presídio do Rio Grande, fundado com o objetivo de organizar um sistema de guardas avançadas na fronteira sul e assegurar à Colônia apoio eficiente, começa a colonização militar do Continente.

Conjugando objetivos estratégicos e econômicos, foi o Presídio o ponto inicial de nossa arrancada em fôrça sôbre o Rio Grande e Silva Paes o primeiro conquistador oficial.

De tal alcance foi a fundação do Presídio que, em 1763, considerável área de nossa expansão já alcançava Rio Pardo e, para o sul, ultrapassava o Chuí e chegava à Angustura de Castilhos, totalizando umas cem léguas de latifúndios que tinham, como centro de dispersão e ponto de apoio, o pequeno núcleo militar de Silva Paes.

## E — O CICLO AÇORIANO

No Brasil a conquista militar precedeu sempre a radicação efetiva do homem à terra.

Assim também ocorreu no Rio Grande onde a metrópole, sentindo firme o domínio político do território, cogitou imediatamente de ocupá-lo.

A iniciativa partiu do próprio Silva Paes e os primeiros casais de açorianos, emigrados de Santa Catarina em 1742, instalam-se em Viamão e Pôrto dos Casais.

Embora legítimos agricultores, os ilhéus não resistiram, no Rio Grande, ao atrativo das estâncias e, com o incremento dessa corrente imigratória cujas últimas levas chegaram já em começos do século XIX,

foram sendo povoadas de fazendas as duas margens da Lagoa dos Patos, a faixa litorânea até a fronteira uruguaia e os baixos vales dos formadores do Guaíba.

A campanha pròpriamente dita só começará a ser trilhada quando Gomes Freire e Ituriaga concentrarem suas forças na Fazenda de São Miguel das Missões, onde o índio Sepé Tiaraju os irá enfrentar.

## F — O ELEMENTO HUMANO

Produto dos velhos troncos lagunenses e paulista, aos quais se associa o açoriano desde meados do século XVIII, vai surgindo enxertado na fertilidade das cunhãs indígenas, a figura humana do continentino, filho semibárbaro do "pampa".

Criado no fogão do minuano, que o paulista tornou amigo da raça branca, representa êle um produto especialíssimo do meio onde o gado, elemento principal da vida, exerce função sócio-econômica de relêvo e imprime ao homem uma feição tôda singular, que o distingue de todos os seus irmãos da vasta colônia portuguesa.

Por outro lado, nos acampamentos das tropas espanholas que bloqueavam por terra a Colônia do Sacramento, plasmava-se um outro tipo regional: o oriental, mistura de castelhano e índias missioneiras que acompanhavam os exércitos guaranis aos teatros de operações.

Tanto um como outro constituem o clássico gaúcho, fruto dos mesmos fatores e produtos da mesma civilização semibárbara — a civilização do couro — baseada no cavalo, no gado alçado e nas campinas infinitas. Um e outro, oriundos de um tronco branco afim — o ibérico — larga e indiscriminadamente enxertado na prolífica estirpe vermelha, o gaúcho — quer sul-rio-grandense, quer platino, quer argentino — não se distingue nos primeiros tempos da colonização senão pela língua que utiliza.

No resto é idêntico tanto nos caracteres somáticos, como nos hábitos de vida, usos e costumes.

O tempo é que, progressivamente, irá fixar uma ou outra característica peculiar a cada nacionalidade.

São êles — continentinos e orientais — que daqui para adiante arcarão com os maiores ônus da guerra: desde os melhores cavalos de suas estâncias, o feijão, o arroz e o trigo de seus paióis até o sangue dos seus filhos; êles, em números sempre crescentes, estarão permanentemente na primeira linha de combate porque enquanto os demais lutam para manter uma conquista, êstes batem-se pela própria terra e sacrificam-se para mantê-la integrada na nacionalidade a que pertencem pelo sangue e pela cultura.

E enquanto, a pata de cavalo e golpes de espada, consolidam-se na vastidão indefinida das coxilhas as lindes uruguaio-brasileiras, continentinos e orientais evoluem no pragmatismo cultural luso-brasileiro e hispano-americano de forma a integrar-se, o primeiro, na comunidade brasileira e constituir-se, no segundo, no cerne da nação uruguaia.

(Continua no próximo número).